



Participação de grupos de jovens de Cuiabá na produção jornalística tradicional e alternativa no ciberespaço¹

Bruna Barboza PINHEIRO²
Laís Dias Souza da COSTA³
Janaína Cristina Marques CAPOBIANCO⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Esta pesquisa discute os movimentos dos jovens na rede, focando a juventude em Mato Grosso, no contexto de descentralização da informação e ampliação das perspectivas de produção e divulgação de conteúdos. A pesquisa trabalha com grupos de jovens do Estado no universo hipertextual, suas produções, interações, participação em conteúdos informativos alternativos, convencionais e suas interfaces. Analisa a forma como estas diferentes juventudes navegam e interagem com o jornalismo convencional e com o conteúdo alternativo produzidos e disponíveis no ciberespaço. Os impactos destes percursos em sua vida social também são observados.

Palavras-chave: comunicação; juventude; ciberespaço;

1 – Introdução

Esta pesquisa de iniciação científica se desenvolve no âmbito do projeto de pesquisa *Juventudes de Mato Grosso e o jornalismo on-line: retratos, fazeres e interações*, do Núcleo de Estudos da Comunicação, Infância e Juventude da Universidade Federal de Mato Grosso. A investigação enfoca a interação de grupos jovens de Mato Grosso nas mídias *on-line* tradicionais (sejam elas provenientes do jornal impresso, rádio, televisão, ou nascidas na própria *web*), mídias *on-line* alternativas (*blogs, hot sites*, iniciativas de movimentos ou grupos) compreendendo suas dinâmicas de produções e interferências no jornalismo produzido e disponível no

¹ Texto apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e bolsista desta pesquisa pelo programa de Voluntariado de Iniciação Científica (VIC) da UFMT, email: brubpinheiro@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e bolsista desta pesquisa pelo programa de Voluntariado de Iniciação Científica (VIC) da UFMT, email: laisdscosta@gmail.com

⁴ Orientadora da pesquisa do programa de Voluntariado de Iniciação Científica (VIC) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do Departamento de Comunicação Social e integrante do Núcleo de Estudos da Comunicação, Infância e Juventude (www.ufmt.br/necojj) da UFMT, mestre em educação. E-mail: janacapobianco@gmail.com



ciberespaço. Para tanto, os conceitos de juventude, jornalismo, jornalismo online, ciberespaço e interatividade devem ser analisados para que se possa traçar um paralelo entre a juventude pesquisada e o espaço que ocupam ou tentam ocupar nessas mídias.

No que diz respeito ao conceito de juventude, ainda hoje não há uma definição muito clara, para muitos autores e estudiosos o mais correto seria “juventudes”, já que há diversos fatores que influenciam nessa definição além da idade. Peralva diz que “juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação” (PERALVA, 1997), ou seja, é muito mais do que simplesmente classificá-los em determinados grupos, é necessário também ver em que local eles se enquadram e o que fazem ali.

Dentro disso, no âmbito desta pesquisa, o objetivo é ver quais são esses grupos e o que fazem dentro ou pelo jornalismo, no caso, o jornalismo on-line por ser o mais popular e acessível por esse grupo social. Segundo Pollyana Ferrari:

A revolução digital provocou inegáveis impactos na difusão da informação, fazendo surgir novas formas de estruturá-las, como o multimeios e a hipermídia. Conhecê-las é vital para o profissional que pretende atuar no jornalismo digital (FERRARI, 2004, p.64).

Assim, analisamos esses jovens que por tantas vezes são heterogêneos, mas em algumas ocasiões se tornam semelhantes quando se trata dos desejos de representação, interatividade e produção de conteúdos, além da representação por parte dos jovens nas mídias tradicionais e alternativas.

2 – Construção histórica

A construção histórica de significados para a juventude, sendo classificada em cada momento levando em consideração os aspectos políticos, sociais e culturais, nos faz pensar sobre como poderíamos entender a juventude da primeira década do século XXI.

Se nos anos 50 os jovens eram considerados subversivos e desregrados, representado no clássico do cinema “Juventude Transviada”, nas duas décadas seguintes eles foram os principais sujeitos que enfrentaram os governos autoritários em busca de mudanças, principalmente as do campo político como o fim da guerra no Vietnã, o fim dos governos ditatoriais nos países como: Brasil, Chile e Portugal.



O fato dos jovens das décadas de 60 e 70 serem reconhecidos como modelo de juventude: combativa, preocupada com o futuro do país, em busca de mudanças estruturais importantes, foi um processo após o fim do período ditatorial, já que, na época, eles eram um dos obstáculos que os governos deveriam eliminar. E eliminaram. Muitos jovens foram torturados, mortos e os que conseguiram sobreviver foram para outros países exilados.

A juventude apareceu então como a categoria portadora da possibilidade de transformação profunda: e para a maior parte da sociedade, portanto, condensava o pânico da revolução. O medo aqui era duplo: por um lado, o da reversão do “sistema”; por outro, o medo de que, não conseguindo mudar o sistema, os jovens condenavam a si próprios a jamais conseguirem se integrar ao funcionamento normal da sociedade, por sua própria recusa não mais como uma fase passageira de dificuldades, mas como uma recusa permanente de se adaptar, de se “enquadrar” (ABRAMO, 1997, p. 30).

Nas décadas de 80 e 90, analisando a juventude brasileira, os jovens não atuam politicamente como antes, é considerada apática, individualista e não contribui para nenhum tipo de mudança no país. O que provoca uma série de comparações com os jovens das décadas anteriores. É possível verificar como a juventude, de acordo com Helena Abramo (1997), “acabou sendo sempre depositária de um certo medo, categoria social frente à qual se pode (ou deve) tomar atitudes de intervenção ou salvação, mas com a qual é difícil estabelecer uma relação de troca, de diálogo, de intercâmbio” (p.30).

Hoje, quando falamos de jovens, a imagem que vem a cabeça é a do jovem na companhia do computador na maior parte do dia, ou com outros eletrônicos. Em alguns casos, eles utilizam três ou mais ao mesmo tempo: o computador, o vídeo game e ainda escutam música em um mp3 *player*.

Os pais sempre reclamam por esses jovens estarem cada vez mais conectados ao ciberespaço, responsabilizando este fenômeno por terem levado seus filhos a uma bolha intransponível na qual eles vivem o tempo todo. Sem saber o que fazer, os pais reclamam com os filhos e surgem vários conflitos familiares.

Para os filhos, a bolha intransponível é um lugar de possibilidades ilimitadas. A internet e as tecnologias digitais ocupam um lugar de destaque no processo de construção de sua identidade. José Carrano acredita que a juventude é um



não-lugar sociológico de transição nos afasta sensivelmente daquilo que o jovem experimenta como sendo a sua verdadeira identidade, que não se constitui isoladamente mas que refaz os seus sentidos nos diversos relacionamentos que se estabelecem com os adultos e os conjuntos de ações das redes culturais da juventude (CARRANO, 2000, p.14).

Estar conectado ao ciberespaço é um dos requisitos de sociabilidade entre os jovens, e para Lévy (1996): “a virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia” (p.21).

3 – Jornalismo digital na mão dos jovens

Pierre Lévy disse certa vez: “(...) os internautas poderão se revelar cidadãos mais bem informados, politicamente mais ativos e socialmente mais conscientes do que os cidadãos *off line* (...)” (FERRARI, 2007, p.147) isso revela e até explica a forma como a internet está sendo usada pelos jovens atualmente. Hoje, a internet é muito mais uma ferramenta de participação política e social do que era antigamente, e nisso as fontes desse “novo” jornalismo é, obviamente, mais diversificada e alternativa por não seguir um padrão ditado pelos famosos manuais de redação dos jornais tradicionais.

Acrescentando ao que Chaparro já denominou de “profissionalização das fontes”, Ferrari ilustra de forma mais objetiva quando descreve a mudança na produção jornalística por meio das fontes:

Não demorou muito para que, em meio a tanto barulho, um ruído em especial chegasse, finalmente, aos ouvidos atentos dos profissionais de comunicação, deixando um recado muito claro: acabou a exclusividade do jornalista quanto à divulgação de informações. O fluxo da notícia, até então um monopólio de profissionais acostumados à via de mão única da comunicação, passa a ter um novo personagem, desafiando princípios consolidados da estrutura midiática e convidando o jornalista para um curioso debate, por que não, com o seu leitor (FERRARI, 2007, p.43).

Esse poder de transformação que a internet proporcionou fez com que aos poucos as identidades dessas “juventudes” tivessem a chance de se auto-divulgar, fazendo com que uma interagisse com outras e assim uma identidade maior ainda pudesse ser criada, ou melhor, está sendo criada.



Essa juventude tem como uma das características ser mais ativa no ciberespaço, interferindo no jornalismo, não apenas como leitora, mas também, em muitos casos, como produtora de conteúdo, idéias, imagens e opiniões.

A exteriorização das impressões do leitor sobre o texto e, ao mesmo tempo, ter poder de interferir com suas opiniões funcionam como o anel de Moebius (LÉVY, 1996).

E a internet por ter como característica principal a tão aclamada democracia por não distinguir quem é quem ou de classe social faz parte, faz com que todos possam ao mesmo tempo consumir o mesmo produto jornalístico.

4 – A pesquisa

Quando se pensa em jornalismo, a primeira imagem que vem a mente da maioria das pessoas é a de alguém solitariamente de dentro de uma redação relatando fatos, emitindo opiniões, desenvolvendo idéias, etc., mas se olharmos para os dias atuais é notório a mudança no modo de se fazer jornalismo, e mais ainda, a mudança no comportamento das pessoas diante dele, principalmente dos jovens que não mais veem o jornal como única maneira de obter informações, mas também como um instrumento que eles podem utilizar de diversas maneiras.

Para atender à heterogeneidade dos jovens, a pesquisa tratou de dividi-los em subgrupos específicos e estudá-los separadamente. Cada subgrupo, totalizando quatro, foi formado por dois jovens de acordo com faixa etária e ocupação social: jovens do Ensino Médio (15 a 18 anos); jovens universitários culturalmente engajados, entendidos como indivíduos que participam ativamente de grupos que promovem eventos artísticos e culturais (18 a 22 anos); jovens recém-formados (22 a 26 anos) e jovens com destaque na profissão na qual estão fazendo curso universitário (18 a 22 anos), sendo todos de Cuiabá, capital de Mato Grosso.

Assim, utilizamos um questionário com questões semi-estruturadas (ver Anexo) que permitiram obter as informações e perceber de que forma os jovens enxergam as possibilidades da internet e de que maneira a utilizam no cotidiano. Após as entrevistas, uma análise comparativa com as respostas serviu de parâmetro para chegar aos resultados e conclusões.

5 – Interatividade no ciberespaço



A interatividade pode ser considerada uma das principais características de mudanças no fazer jornalístico atual, aliás, esta é a palavra mais utilizada pelos meios de comunicação que cada vez mais querem interagir com seu público, e ainda possibilitar que as fontes exerçam papel essencial de transformação no jornalismo.

Os jovens passam a interferir no jornalismo por não mais o verem como algo inacessível enquanto produto da mídia, a partir disso constroem outras maneiras de mudar isso. O que está em questão não é mais a influência do jornalismo nos jovens, mas o contrário, como essa nova juventude ou “juventudes” está fazendo acontecer e surgir esse novo jornalismo.

Como verificado na coleta de dados através das pesquisas, há uma grande vontade por parte dos jovens em produzir conteúdos, mas nem sempre esse desejo é alimentado pelas mídias. Dos que responderam já terem tentado interagir tanto nas mídias tradicionais quanto nas alternativas, a maioria não obteve resposta, ou seja, não tiveram seus conteúdos publicados ou discutidos pelos veículos.

Em suma, a transformação no jornalismo deve-se grande parte graças à transformação das fontes, e nisso, o ciberespaço tem grande importância. No ciberespaço os grupos de jovens estudados puderam e ainda podem redefinir o modo de se pensar e fazer jornalismo.

6 – Entrevistas

Foram realizadas entrevista com oito jovens dos específicos grupos, todas no mês de junho de 2010, nos levaram aos resultados sobre a utilização da internet por estes jovens e ainda possibilitou perceber de que forma eles se sentem inseridos no ciberespaço.

Os entrevistados acessam a internet em sua maioria de casa e os que trabalham, acessam também do local, já que responderam que a internet é fundamental para o trabalho deles e a utilizam principalmente para realizar pesquisa, trocar arquivos de músicas, fotos, e-mail, e ainda os jovens entrevistados possuem perfis em três redes sociais: Twitter, Orkut e Facebook.

A participação dos entrevistados nas redes sociais é muito significativa, sendo o Twitter usado pela maioria, outros sites como Orkut e Facebook também figuram entre os mais usados pelos jovens.



Entretanto, duas diferenças foram percebidas, enquanto a jovem do grupo “culturalmente engajado” acessa a internet o dia todo com seu laptop para estudar e trabalhar, o jovem do “ensino médio”, revelou ficar o dia todo conectado “sem fazer nada de importante”, ou seja, há diferenças na relevância de acesso dos jovens na internet. Não se pode avaliar apenas o tempo de acesso, mas a utilidade, seja para ler, pesquisar, estudar ou se comunicar.

Quando questionados sobre um mundo sem internet, as respostas foram diversas, mas para todos seria muito mais difícil viver, trabalhar, etc. Todos citaram a rapidez da internet como algo que traria essas dificuldades.

Com relação aos hábitos de leitura, foi observado que todos buscam ler primeiramente assuntos específicos de seu interesse para depois se interar de assuntos mais gerais. Outro aspecto interessante é que dos oito jovens que participaram das entrevistas, cinco tem um site de busca como página inicial do computador, assim, após ler os sites e blogs habituais eles vão para os sites de notícias que os links levam: “eu não tenho nenhum fixo ou preferencial. Eu vou clicando em links”, disse o jovem do grupo recém-formado.

Já a preferência pelos conteúdos online é significativa, e quatro dos oito entrevistados afirmaram não lerem conteúdos de jornais impressos, apesar de perceberem diferenças entre os conteúdos on-line e impresso, tanto no caso das revistas como dos jornais.

Para o jovem do grupo recém-formado a preferência pelo on-line é devido a objetividade que deixa a leitura das notícias mais rápidas e quando prefere conteúdo mais interpretativo procura revistas.

6.1 – Mídia tradicional e alternativa na visão dos jovens

As entrevistas semi-estruturadas abordaram primeiramente questões abrangentes para depois especificar entre mídia alternativa e tradicional. Dessa forma, obtivemos as seguintes conclusões:

Ao todo, seis entrevistados disseram confiar no conteúdo de blogs. A jovem do grupo “culturalmente engajado” disse que como são “informações que não irão mudar minha vida, não preciso sair checando”. Já a jovem do grupo “recém formado” vai atrás da reputação de quem publicou, caso seja alguém com credibilidade, confia, senão procura outras fontes.



A leitura de conteúdos da mídia alternativa é justificada pelos entrevistados, sobretudo, pela maneira informal de transmitir as informações. A jovem do grupo “destaque na profissão” disse que nela encontra “opiniões sobre assuntos diferentes do que sai na tradicional”. Apesar disso, com exceção da “culturalmente engajado”, nenhum dos entrevistados disse ter produzido conteúdo para a mídia alternativa.

Com relação aos fóruns de discussão na rede, alguns responderam considerar o conteúdo das discussões relevantes, principalmente, para a troca de opiniões e experiências com demais pessoas; a jovem do grupo “destaque na profissão” disse não considerar o conteúdo desses fóruns úteis, pois “há distorção da realidade e discussões inúteis entre os membros do fórum”.

As opiniões sobre a representação nas mídias foram variadas entre os jovens, na tradicional apenas o jovem do “ensino médio” e disse se sentir completamente representado, pois para ele “a mídia tradicional atinge todos os públicos, desde pobres, ricos, brancos, negros, gays, esportistas, velhos e jovens também”, logo, em um desses grupos ele se sente inserido. Outros dois jovens responderam que se sentem representados por estes veículos de comunicação, mas não totalmente.

A jovem do grupo “culturalmente engajado” citou uma condição importante para o fato de se ver cada vez mais representada na tradicional, além da alternativa que ela já faz parte, para ela “as mídias tradicionais não podem fugir do que está acontecendo. Elas têm que relatar cada vez mais essa realidade alternativa. Todo mundo vê que o independente está crescendo e fazendo sucesso e as mídias não podem fugir do que está acontecendo, é a nova realidade.”

Já em relação às mídias alternativas (blogs) as respostas apesar de diferentes, afirmaram que se sentem representados nessas mídias porque elas se diferenciam das tradicionais principalmente porque há uma interação com o produtor do conteúdo, a linguagem é impessoal, diferente dos conteúdos das mídias tradicionais, e ainda os jovens ressaltaram a possibilidade de interferências com comentários e participação ativa.

A jovem do “recém formado” diz se sentir pouco representada tanto em uma quanto na outra, mas menos na alternativa que para ela tem um público mais direcionado, “esses sites têm uma linguagem voltada para os adolescentes e eu não me vejo mais assim”. Já a jovem do “destaque na profissão” se diz pouco representada na tradicional, pois nem tudo chama sua atenção e cada vez mais inserida na mídia alternativa, apesar de ainda “não ser o ideal de representatividade”.

7 – Conclusão

A primeira conclusão que se pode tirar após as entrevistas com os jovens dos quatro subgrupos é a de que o acesso a internet é algo simples, seja em casa, na faculdade ou no trabalho, de uma forma ou de outra todos acessam diariamente a internet. Entre todas as dificuldades apontadas pelos entrevistados numa sociedade sem internet, a rapidez de informações e facilidade na comunicação são os principais pontos que fariam dessa sociedade fictícia algo desagradável para eles.

Uma observação importante é a de que ao contrário do que muitos possam imaginar, os jovens estão interessados sim em notícias da política, economia, questões ambientais e sociais, além dos conteúdos sempre procurados em maior número por essa parcela da sociedade, como entretenimento, cinema, música e jogos. Isso pode ser constatado pelos sites citados nas entrevistas, em sua maioria, os jovens acessam sites de notícias e jornais on-line, quatro deles afirmaram só fazerem a leitura de conteúdos on-line (“recém formados”, “destaque na profissão” e um jovem do “culturalmente engajado”).

Dos que fazem leitura de ambos, a principal diferença notada entre os conteúdos online e impresso é de que nos sites algumas matérias ganham destaque maior, com páginas especiais, continuação de entrevistas, trechos que não foram publicados no impresso.

A participação dos jovens nos veículos midiáticos ainda é pequena, o que nos leva a questionar suas razões, seriam os jovens pouco produtivos que não são capazes de sugerir pautas e sugestões ou são as mídias que ainda não enxergam nesse grupo fontes de informação aproveitáveis? Dos jovens que responderam já terem produzido algum tipo de conteúdo para as mídias tradicionais, nenhum foi publicado, logo, a motivação para dar continuidade nessa produção é reduzida, fazendo que os jovens se vejam cada vez menos representados nas mídias tradicionais e “migrem” para a representação nas alternativas, já que o espaço é maior e ao que parece, há uma liberdade de expressão um pouco maior.

Essa “migração” da juventude para formar seus próprios grupos pode ser traduzida em uma indicação de Alberto Melucci:

Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza que derivam



simplesmente dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas põem ser situadas (MELUCCI, 1997, p.09).

E outra de Octavio Ianni:

[...] À medida que a pessoa se torna adulta, vai sendo preparada para o desempenho de papéis sociais condizentes com o *status quo*. Esse é um dos pólos de atuação do sistema doméstico, da escola, do clube etc. O processo de socialização que envolve a pessoa é um fenômeno contínuo e atuante, e é estruturado segundo as exigências da sociedade presente. Por isso, o indivíduo muitas vezes é paulatinamente levado a ajustar-se aos padrões e normas vigentes, desenvolvendo atitudes e opiniões políticas adequadas às necessidades da sua nova situação (IANNI, 1962, p.239).

Por fim, percebeu-se que os jovens através dos subgrupos que eles constroem, buscam não só uma maior representação nas mídias, como também querem participar delas.

Para isso buscam os locais em que essa representação seja maior, e é a partir desse momento que a informação passa a ser descentralizada, já que eles não ficam a mercê do que lhes é enviado. Se surge uma dúvida, eles pesquisam, estudam, analisam e depois tiram suas próprias conclusões a respeito de um fato.

O ciberespaço enquanto ambiente predominantemente jovem é visto como democrático e longe do convencional, e a heterogeneidade das juventudes é respeitada. Talvez por isso, o interesse dos jovens é maior comparado a outras interfaces comunicacionais.



Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel, FREITAS, Virginia de, SPÓSITO, Marília P., (org). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. N. 5 e 6, p.25-36, mai.-dez. 1997.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes: as identidades são múltiplas*. Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ: n.01, p. 11-27, maio de 2000.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FERRARI, Pollyana, (org). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____ *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.
- IANNI, Otávio. *O jovem radical*. Sociologia da juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. 01, p. 225-241.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed.34, 1996.
- LIMA, Rafaela, (org). *Mídias comunitárias, juventude e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica / AIC, 2007.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. São Paulo: ANPED: Ação Educativa. In: Revista Brasileira de Educação, 1997, nº5-6, pp. 5-14



Anexo

ROTEIRO DE ENTREVISTAS – Semi estruturada (Perguntas abertas)

1 – Dados gerais

Nome completo: _____

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Endereço: _____

Telefone: _____ Celular: _____

Estudante: () Secundarista – Escola _____

() Universitário – Curso _____

() Graduado – Curso _____

Trabalho: _____

Função: _____

(Anotações da pesquisadora) Grupo de estudo: () 1 () 2 () 3 () 4

2 – Percurso na rede

1 – De onde você mais acessa a internet?

2 – Pra que você usa a internet?

3 – Qual sua principal atividade na rede?

4 – Qual a página inicial do seu computador?

5 – Quanto tempo em média você está conectado diariamente?

6 - O que você mais sentiria falta num mundo sem internet?

3 – Hábitos / Leitura / Consumo

1 – Quais os principais sites que você acessa?

2 – Você lê jornais on-line? Quais?

E locais?

3 – Você lê jornais impressos? Quais?

E locais?

4 – Você confia em informações publicadas por blogs e comunidades da rede?

5 – Você participa de redes sociais? Quais?

6 – Você costuma baixar muitos arquivos? O que?

4 – Participação / Interatividade nas mídias tradicionais

1 – Você já enviou alguma sugestão de assunto que gostaria de ler nos jornais e/ou revistas?

2 – Produziu algum artigo para jornais e/ou revistas?

3 – Assina algum jornal on-line ou prefere ler a edição impressa? E revistas?

4 – Percebe alguma diferença entre o conteúdo dessas mídias na versão on-line e impresso?

5 – Já enviou algum vídeo para sites de notícias?

6 – Já participou de chats de programas televisivos?

7 – Você se sente representado nos conteúdos das mídias tradicionais?



5 – Participação / Interatividade nas mídias alternativas

- 1 – Quais sites informativos você navega além dos tradicionais?
- 2 – O que você encontra de diferente?
- 3 – Você já enviou vídeos, pautas, matérias para estes sites?
Foram publicados?
- 4 – Você escreve em fóruns ou grupos de discussão dessas redes?
- 5 – Você considera os conteúdos desses fóruns úteis? Para que?
- 6 - Você se sente representado nos conteúdos das mídias alternativas?